



A Santa Sé

SANTA MISSA "IN COENA DOMINI" E CERIMÓNIA DO "LAVA-PÉS"

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Quinta-feira Santa, 20 de Abril de 2000

1. "Tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa, antes de padecer" (*Lc 22, 15*).

Com estas palavras, Cristo faz conhecer o significado profético da Ceia pascal, que está para celebrar com os discípulos no Cenáculo de Jerusalém.

Com a primeira leitura, tirada do Livro do Êxodo, a Liturgia pôs em evidência o facto de a Páscoa de Jesus se inscrever no contexto daquela da Antiga Aliança. Com ela os Israelitas faziam memória da ceia consumada pelos seus pais, no momento do êxodo do Egipto, e da libertação da escravidão. O texto sagrado prescrevia que um pouco do sangue do cordeiro fosse posto nas duas ombreiras e na verga da porta das casas. E acrescentava como devia ser comido o cordeiro, isto é: "Tereis os rins cingidos, as sandálias nos pés e o bordão na mão... apressadamente... Passarei nesta noite através do Egipto e ferirei de morte todos os primogénitos... O sangue servirá de sinal nas casas em que residis. Vendo o sangue, passarei adiante, e não sereis atingidos pelo flagelo destruidor" (*Êx 12, 11-13*).

O sangue do cordeiro obtém para os filhos e filhas de Israel a libertação da escravidão do Egipto, sob a guia de Moisés. A recordação de um evento tão extraordinário tornou-se ocasião de festa para o povo, que estava grato ao Senhor pela liberdade readquirida, dom divino e empenho humano sempre actual: "Conservareis a recordação desse dia, comemorando-o com uma solenidade em honra do Senhor" (*Ibid.*, 12, 14). É a Páscoa do Senhor! A Páscoa da Antiga Aliança!

2. "Tenho ardentemente desejado comer convosco esta páscoa, antes de padecer" (*Lc 22, 15*).

No Cenáculo, Cristo, obediente às prescrições da Antiga Aliança, consuma a ceia pascal com os

Apóstolos, mas dá a este rito um novo conteúdo. Escutámos São Paulo falar a respeito disto na segunda leitura, tirada da primeira Carta aos Coríntios. Neste texto, considerado a mais antiga descrição da Ceia do Senhor, recorda-se que Jesus, "na noite em que foi entregue tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: "Isto é o Meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em Minha memória". Do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice e disse: "Este cálice é a Nova Aliança no Meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em Minha memória". Com efeito, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha" (cf. *1 Cor 11, 23-26*).

Palavras solenes com as quais se transmite para sempre a memória da instituição da Eucaristia. Neste dia, recordamo-las todos os anos, retornando espiritualmente ao Cenáculo. É com particular emoção que as revivo nesta tarde, porque conservo nos olhos e no coração as imagens do Cenáculo, onde tive a alegria de celebrar a Eucaristia, por ocasião da recente peregrinação jubilar na Terra Santa. A emoção torna-se ainda mais forte, porque este é o ano do Jubileu bimilenário da Encarnação. Nesta perspectiva, a celebração que estamos a viver adquire uma profundidade particular. Com efeito, no Cenáculo, Jesus deu um novo conteúdo às antigas tradições e antecipou os eventos do dia sucessivo, quando o Corpo imaculado do Cordeiro de Deus haveria de ser imolado e o seu Sangue derramado para a redenção do mundo. A Encarnação acontecera em vista precisamente deste evento, em vista da Páscoa de Cristo, da Páscoa da Nova Aliança!

3. "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha" (*1 Cor 11, 26*). O Apóstolo exorta-nos a fazer constante memória deste mistério. Ao mesmo tempo, convida-nos a viver cada dia a nossa missão de testemunhas e anunciadores do amor do Crucificado, à espera do seu retorno glorioso.

Mas como fazer memória deste evento salvífico? Como viver à espera de que Cristo retorne?

Antes de instituir o Sacramento do seu Corpo e do seu Sangue, Cristo, inclinado e de joelhos, na atitude do escravo, lava os pés aos discípulos no Cenáculo. Revemo-l'O enquanto realiza este acto, que na cultura hebraica é precisamente dos servos e das pessoas mais humildes da família.

No início Pedro recusa-se, mas o Mestre convence-o, e enfim também ele se deixa lavar os pés juntamente com os outros discípulos. Logo depois, porém, retomando as vestes e tendo-se posto de novo à mesa, Jesus explica o sentido deste seu gesto: "Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem, visto que o sou. Ora, se Eu vos lavei os pés, sendo Senhor e Mestre, também vós deveis lavar os pés uns aos outros" (*Jo 13, 12-14*). São palavras que, unindo o mistério eucarístico ao serviço do amor, podem ser consideradas preliminares à instituição do Sacerdócio ministerial.

Com a instituição da Eucaristia, Jesus comunica aos Apóstolos a participação ministerial no seu

sacerdócio, o sacerdócio da Aliança nova e eterna, em virtude da qual Ele, e somente Ele, é sempre e em toda a parte artífice e ministro da Eucaristia. Os Apóstolos tornaram-se, por sua vez, ministros deste excelso mistério da fé, destinado a perpetuar-se até ao fim do mundo. Tornaram-se contemporaneamente servidores de todos aqueles que vierem a participar em tão grande dom e mistério.

A Eucaristia, o supremo Sacramento da Igreja, está unida ao sacerdócio ministerial, nascido também ele no Cenáculo, como dom do grande amor d'Aquele que, "sabendo que chegara a Sua hora de passar deste mundo para o Pai (...) que amara os Seus que estavam no mundo, levou até ao extremo o Seu amor por eles" (*Jo* 13, 1).

A Eucaristia, o sacerdócio e o novo mandamento do amor! É este o memorial vivo que contemplamos na Quinta-Feira Santa.

"Fazei isto em memória de Mim": eis a Páscoa da Igreja! A nossa Páscoa!